



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA E TECNOLOGIA
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO
PARA A CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS**

Elitania Maria Nascimento da Silva

Trabalho apresentado à Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Licenciatura em Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação a Distância e Tecnologia.

Orientador(a): Prof.a Dra. Sandra Rodrigues de Souza

Recife, 17 de Maio.

2021

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO PARA A CONSTRUÇÃO DE APRENDIZAGENS

Elitania Maria Nascimento da Silva
Licenciatura em PedagogiaUAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
elitaniajn02@gmail.com

Sandra Rodrigues de Souza²
Licenciatura em PedagogiaUAEADTec/UFRPE
Universidade Federal Rural de Pernambuco/UFRPE
souzz.rodriques@gmail.com

RESUMO: As emoções e os sentimentos fazem parte da vida e interferem em todo o ser, até mesmo no conhecimento e na aprendizagem. O que enfatizou o interesse em abordarmos através de uma revisão bibliográfica de temática considerada atemporal, visando compreender a dimensão afetiva numa relação de causa e efeito com a afetividade num mecanismo de aprendizagem entre professor-aluno, pois o afeto, o carinho, a ternura e a amorosidade são fundamentais para o desenvolvimento de uma boa relação social. O artigo dispõe de uma pesquisa de caráter investigativo exploratório, introduzindo que, o papel do educador é apresentado como um facilitador da compreensão do mundo, possibilitando à criança dar significado às suas próprias descobertas, onde a construção da linguagem oral permite à criança expressar suas ideias e sentimentos em relação ao mundo e às pessoas com quem convive. O estudo relaciona os principais autores e suas fundamentações teóricas, tais como: Antunes (2006), Freire (1996), Wallon (1995). E contempla estudos voltados a comprovação de que professores que interagem plenamente com seus alunos contribuem efetivamente para uma melhor aquisição dos conteúdos escolares, ressaltando a necessidade de uma constante avaliação por parte do professor e sua prática pedagógica visto que atividades e métodos de ensino inadequados podem interferir diretamente na aprendizagem dos alunos. Desta forma, o profissional da área da educação deve voltar-se a práticas mais afetivas durante o processo de mediar o conhecimento, contribuindo numa melhor relação professor-aluno e interferindo positivamente na vida de seus educandos, tornando-os mais pensantes e críticos

Palavras-chave: afetividade, aprendizagem, professor e aluno.

1. INTRODUÇÃO

Quando uma mãe abre os braços para receber um bebê que dá seus primeiros passos, expressa com gestos a intenção de acolhê-lo e ele reage caminhando em sua direção. Com esse movimento, a criança amplia seu conhecimento e é estimulada a aprender a andar. Assim como ela, toda pessoa é afetada tanto por elementos externos como o olhar do outro, um objeto que chama a atenção, uma informação que recebe do meio, quanto por sensações internas como o medo, alegria, fome e a forma como responde a eles. Essa condição humana recebe o nome de afetividade e é crucial para o desenvolvimento.

Acredita-se que todo ser humano é afetado positiva e negativamente e reage a esses estímulos. O processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do sujeito quanto do ambiente, que o afeta de alguma forma. Ele nasce com um equipamento orgânico, que lhe dá determinados recursos, mas é o meio que vai permitir que essas potencialidades se desenvolvam. Wallon (1995, p. 12) afirma também que o estudo da criança exige também o estudo do meio ou dos meios em que ela se desenvolve.

Ao perceber a importância de uma relação positiva, podemos entender que a criança que é tratada com carinho, pode se tornar capaz de encarar os obstáculos que a vida lhe impõe e tornar-se uma pessoa mais centrada, principalmente no âmbito escolar. Um relacionamento pautado no respeito e carinho favorece uma boa relação entre professor-aluno.

Nesse sentido, a presente pesquisa desenvolve-se tencionando compreender a dimensão afetiva numa relação de causa e efeito com a afetividade num mecanismo de aprendizagem entre professor-aluno, onde a mesma possui como problemática compreender melhor a efetividade presente entre professor-aluno, pois a afetividade deve estar constantemente presente na vida do aluno independente de sua origem, gênero ou classe social. O afeto surge como um instrumento para a integração do aluno com a sensibilidade, despertando a motivação e o desejo de aprender. Em mesma medida, a

aprendizagem é um processo que envolve vínculos entre quem ensina e quem aprende.

Diante dessa vertente, a relação de afetividade deve ser construída em conjunto entre professor e aluno, contribuindo no processo ensino/aprendizagem com maior significado. Segundo Fernandez (2001, p.22) “O ser humano nasce inteligente, mas a inteligência se constrói na relação com os outros, se dá à medida que os adultos consideram a criança, acreditam que ela aprenderá”.

Nesse aspecto, o professor surge como facilitador da aprendizagem, moldando-se a realidade dos alunos, buscando compreendê-los e tentando levá-los à auto realização. Considerando o professor como mediador desse processo temos como questão norteadora desta pesquisa: Qual a importância da construção de vínculos afetivos na relação professor-aluno no processo de aprendizagem?

Sabemos que a afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte, e está ligada em nós como uma fonte geradora de potência e energia. A vida do ser humano é extremamente afetiva, pois está diretamente ligado à construção do conhecimento racional.

REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Afetividade: conceito

É de amplo conhecimento que o afeto condiciona um melhor desenvolvimento evolutivo dentro das atuações e relações humanas, nesse sentido a afetividade caracteriza-se como um:

conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre de impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegria ou de tristeza (CODD & GAZZOTTI, 1999: 48-59).

Partindo para o campo da psicologia, a afetividade é estabelecida pela competência adquirida na vivência desse conjunto de fenômenos. Desse modo,

atua como uma força potencializadora humana na transcendência de sentimentos e ações para com o outro ou objetos.

Tratando-se do conceito da afetividade, o psicólogo francês Henri Wallon (1995), teorizou e analisou essa dimensão psíquica, integrada na teoria do desenvolvimento humano. Por esse aspecto, a afetividade constitui a teoria psicogenética, introduzindo que o desenvolvimento acontece pelo sistema de mecanismo da dimensão orgânica e social do sujeito. Sabendo que a afetividade contribui diretamente nas habilidades qualitativas do cognitivo, encontra-se nos estudos de Jean Piaget (1985), psicólogo, que a afetividade não somente vincula-se a sentimentos e emoções, como também nas vontades do indivíduo.

Diante disto, Wallon (1995) apresenta a análise de que a melhor evolução do sujeito depende de um encadeamento circunstancial, isto é, além do sentido biológico e social de atuação, o meio também contribuirá no cenário evolutivo, influenciando diretamente no bloqueio ou desenvolvimento de algumas potencialidades. “Não se pode explicar uma conduta isolando-a do meio em que ela se desenvolve (Wallon, 1986, 369). Do ponto de vista pedagógico, a afetividade dentro desse meio possui grande impacto para com a aprendizagem no âmbito da cognição tornando-se crucial nas relações humanas, principalmente no contexto escolar na relação professor-aluno.

1.2 As definições psicológicas da afetividade

De primeiro momento, entende-se que o âmbito afetivo se caracteriza pela estruturação de todo conhecimento. Diante do processo evolutivo que vivemos, e em todas as áreas sociais, que surge a interiorização primária do meio. Essas vivências trarão uma referência afetiva positiva ou negativa, onde o indivíduo sempre terá sensações agradáveis e desagradáveis em relação ao seu corpo, em relação ao que fala ou ao que não fala, dependendo do meio em que ele vai estar inserido. Nesse sentido, as relações familiares correlacionam-se com o grau de afetividade e as mutáveis afinidades que a criança venha a ter com os anos evolutivos.

Através da possibilidade de sermos cuidados em nossas necessidades físicas e psíquicas, do nosso nascimento até o início da nossa vida adulta, nas mais variadas fases e diferentes necessidades e possibilidades, que estamos apresentando nesse processo vão depender do mecanismo de desenvolvimento afetivo dos responsáveis primários para com o indivíduo. Atuando sobre uma afetividade saudável, a criança consegue internalizar um olhar mais positivo e confiante sobre a si mesmo. Teixeira et al. (1999) sinaliza:

As contribuições de estudiosos como Vygotsky acentuam a importância da infância e as etapas de evolução da criança bem como as relações que mantêm com o meio cultural e a construção da linguagem, para o processo de desenvolvimento cognitivo. “A linguagem e o pensamento humano têm origem social. A cultura faz parte do desenvolvimento humano e deve ser integrada ao estudo e à explicação das funções superiores”. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p 87).

Quando a criança tem no meio externo alguém que possa reconhecer e suprir suas necessidades, no primeiro momento ela tem como sensação a de ser importante, além de reconhecida ela está sendo suprida, por isso quando se sente acolhida diante de um choro de fome e recebe comida ou quando interpretam o choro sentido da criança tentando traduzir porque o bebê está chorando, essas ações afetivas trazem ao bebê um determinado valor. Segundo Pulaski (1980):

Ao longo da história, vários pensadores e filósofos postularam a separação entre aspectos racionais e aspectos afetivos, mas foi Jean Piaget (1896-1980) quem iniciou um questionamento sobre o tema repercutido nas concepções nascentes de sua época, defendendo a idéia de que não existem estados afetivos sem serem permeados por elementos cognitivos, da mesma forma que não existem comportamentos cognitivos sem carga afetiva. (PULASKI, 1980, p. 20)

O que nos apresenta para pensar é que a afetividade é contemporânea da inteligência, onde tem a inteligência, tem afetividade, costuma se dizer que são faces da mesma moeda. Introduce Antunes (2006):

Um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções que provocam sentimentos. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução

biológica da espécie. Como ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduz em amor. (ANTUNES, 2006, p. 5).

Considerado um dos grandes estudiosos da Psicologia do Desenvolvimento, Piaget, dedicou-se exclusivamente ao estudo do desenvolvimento cognitivo, à gênese da inteligência e da lógica. Ele concluiu pela existência de quatro estágios ou fases do desenvolvimento das três inteligências. Em cada estágio há um estilo característico através do qual a criança constrói seu conhecimento. Assim apresenta, Piaget (1985):

Primeiro estágio: sensório motor (ou prático) 0 - 2 anos: trabalho mental: estabelecer relações entre as ações e as modificações que elas provocam no ambiente físico; exercício dos reflexos; manipulação do mundo por meio da ação. Ao final, constância/permanência do objeto.

Segundo estágio: Pré-operatório (ou intuitivo) 2 - 6 anos: desenvolvimento da capacidade simbólica (símbolos mentais: imagens e palavras que representam objetos ausentes); explosão lingüística; características do pensamento (egocentrismo, intuição, variância); pensamento dependente das ações externas.

Terceiro estágio: Operatório-concreto 7- 11 anos: capacidade de ação interna: operação. Características da operação: reversibilidade/invariância – conservação (quantidade, constância, peso, volume); descentrarão/capacidade de seriação/capacidade de classificação.

Quarto estágio: Operacional-formal (abstrato) – 11 anos...

Diante desse contexto sob uma perspectiva construtiva de Piaget (1985), interessa compreender que o processo de desenvolvimento mental do sujeito advém pela interatividade do meio que estará inserido mais suas potencialidades. Esse processo evolutivo em estágios subsequente, torna-se norteador ao ensino aprendizagem quanto tentativa de assimilação da linguagem e pensamento da criança no âmbito escolar.

Para Piaget (1964), a operação se realiza através da linguagem que são os conceitos. O raciocínio é hipotético-dedutivo refere-se ao levantamento de hipóteses; realização de deduções. Essa capacidade de sair-se bem com as palavras e essa independência em relação ao recurso concreto permite: ganho de tempo; aprofundamento do conhecimento; domínio da ciência da filosofia.

Pode-se ainda destacar os estudos realizados por Henri Wallon, o qual não separou o aspecto cognitivo do afetivo. A atuação está estritamente ligada ao movimento, e as posturas são as primeiras figuras de expressão e comunicação que servirão de base ao pensamento concebido, antes de tudo, como uma das formas de ação. Segundo Wallon (2001, p. 37), “o movimento é a base do pensamento. É a primeira forma de integração com o exterior”.

A criança no grupo busca satisfazer suas necessidades de amor, afeto, acolhimento, registros que traz da primeira socialização, ela, mãe, pai ou com outros membros do seu meio familiar. Dando continuidade a esse processo de interação afetiva temos a comunidade escolar. Em que a criança procura de imediato encontrar os valores e experiências vivências no seu primeiro grupo social a família com professor e depois no grupo que entrega o ambiente escolar. Nesse sentido Bertolini e Oliveira (2001, p. 55-56) afirmam que “conforme as crianças vão estabelecendo vínculos, os conflitos vão sendo amenizados”.

1.3 A afetividade e a aprendizagem

A afetividade tem um papel crucial no processo de aprendizagem do ser humano, porque está presente em todas as áreas vida, influenciando profundamente o crescimento cognitivo, por ser um estado psicológico do ser humano que pode ou não ser modificado a partir de situações, tal estado é de grande influência no comportamento e no aprendizado das pessoas juntamente com o desenvolvimento cognitivo, bem como em todas as esferas de nossa vida. Ressalta Goldane (2010, p. 13):

A aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros, pode-se dizer que toda aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e estas são originadas por meio dos vínculos que estabelecemos com os outros, pode-se dizer que toda aprendizagem está impregnada de afetividade

Esta relação da afetividade e a aprendizagem pode ser compreendida pela teoria psicogenética de Wallon (1968, p. 61): “traz a dimensão afetiva como ponto extremamente importante em sua teoria psicogenética, apresenta

a distinção entre afetividade e emoção”. Assim, diretamente ligada a emoção, a afetividade consegue determinar o modo com que as pessoas visualizam o mundo e também a forma com que se manifestam dentro dele. Todos os fatos e acontecimentos que houve na vida de um indivíduo traz recordações e experiências por toda sua história, dessa forma, a presença de afeto determina a forma com que o indivíduo se desenvolverá.

Cada estágio da afetividade, pressupõem o desenvolvimento de certas capacidades, em que se revelam um estado de maturação. Portanto, quanto mais habilidades se adquirem no campo da racionalidade, maior é o desenvolvimento da afetividade.

O processo ensino-aprendizagem só pode ser analisado como uma unidade, pois ensino e aprendizagem são faces e, a relação professor-aluno é um fator determinante. Verifica-se que o papel da afetividade nesse processo, é um elemento importante para aumentar a sua eficácia, bem como para a elaboração de programas de formação de professores. Lembrando que de acordo com Freire (1996) as palavras geradoras, repletas de sentido e afetividade para os educandos, são instrumentos de repensar o mundo.

Considerando o lado afetivo no processo de ensino-aprendizagem, o professor deve dispor de metodologias inclusivas para que todos os alunos possam participar igualmente e pela sua disposição de responder às constantes e insistentes indagações na busca de conhecer o mundo exterior, e assim facilitar para o aluno a sua diferenciação em relação aos objetos. Perceber o sujeito como um ser intelectual e afetivo, que pensa e sente simultaneamente, e reconhecer a afetividade como parte integrante do processo de construção do conhecimento, implica um outro olhar sobre a prática pedagógica, não restringindo o processo ensino-aprendizagem apenas à dimensão cognitiva.

Por isso, a intensidade das relações, os aspectos emocionais, a dinâmica das manifestações e as formas de comunicação passam a ser pressupostos para o processo de construção do conhecimento. Intrinsecamente ligada à cognição, a afetividade constitui-se fator essencial na

vida escolar, devendo, pois o professor, estar ciente dos problemas que pode enfrentar e estar preparado para resolvê-los.

2. METODOLOGIA

Essa pesquisa, procede uma metodológica qualitativa, aplicada com o propósito de abordar a dimensão afetiva na relação professor-aluno no processo de ensino-aprendizagem. A pesquisa qualitativa caracteriza-se por não utilizar nenhuma modelagem matemática como ferramenta para análise dos dados obtidos por ser não quantificáveis baseia-se na explicação de um evento pesquisado, como é a pesquisa bibliográfica. De acordo com Souza et al. (2021) a pesquisa bibliográfica inicia-se com a revisão de literatura para delimitação do tema e a contextualização do objeto de pesquisa através da exploração de fontes bibliográficas confiáveis.

Nesse sentido, a presente pesquisa também é de caráter exploratório por conta de ter sido preciso explorar conteúdos bibliográficos entre outros, a respeito da afetividade entre professor e aluno, com o objetivo de obter maior familiaridade com a problemática da pesquisa, objetivando desenvolver hipóteses.

De acordo com Gil (2017), as pesquisas exploratórias mais comuns são os levantamentos bibliográficos, no entanto, em certo momento, grande das pesquisas científicas passam por uma etapa exploratória, visto que o pesquisador procura familiarizar-se com o fenômeno que objetiva estudar.

Desse modo, a pesquisa é exploratória por conta de ter sido realizado levantamentos bibliográficos em obras, publicações e artigos científicos, leituras e análises que estimularam a compreensão a respeito do tema da pesquisa.

Após o levantamento destes materiais e a realização de leituras seletivas, críticas e analíticas para responder à pergunta condutora da investigação exploratória. A modalidade escolhida para este trabalho foi a pesquisa bibliográfica em que foram consultados diferentes instrumentos

literários livros, artigos e revistas apoiados pela comunidade científica, com intuito de desenvolver o conhecimento e contribuir com o tema investigado.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 A influência da afetividade na escola

Os aspectos afetivos e a autoestima são fatores que devem ser vistos de forma associada, no que tange o universo escolar, as relações que são estabelecidas entre educandos e educadores e também na sala de aula. E com mais ênfase nos primeiros anos de escolaridade, onde a presença dessas relações faz com que a criança se sinta à vontade, e de certa forma veja a figura do educador como ser amigo e afetuoso. Piaget (1971, p.271) afirma que: a vida afetiva, como a vida intelectual é uma adaptação contínua e as duas adaptações são, não somente paralelas, mas interdependentes, pois os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações, das quais a inteligência constitui a estrutura.

Nesse sentido, como foi descrito na fundamentação teórica, a relação afetiva deve ser trabalhada em sala, buscando entender o sujeito em todas as suas dificuldades, sejam elas emocionais ou de aprendizagem, o que significa tomarmos atitudes que nos leve a sair de nossa indiferença, porque essa “indiferença” é exatamente a falta de afetividade sentida por parte do discente que torna difícil o envolvimento com os alunos necessário para que ocorra o processo de ensino-aprendizagem. Nesse contexto Miranda (2000) aponta:

A organização dos tempos e dos espaços da escola reflete a concepção pedagógica adotada pelo coletivo. Ela permite situar a escola em um espaço de trabalho mais rico, flexível e democrático, abrindo novas possibilidades pedagógicas e de interação, com o envolvimento de alunos, professores e da própria comunidade (MIRANDA, 2000, p.77).

Considerando a relevância da educação e afeto entende-se que: “uma das funções da escola é ajudar a criança a se autoconhecer, pois assim ela se

sentirá apoiada em bases sólidas sobre as quais construirá sua vida, bem como identificará o que precisa ser mudado e agirá em prol desta mudança. Logo, é fundamental que a afetividade esteja presente no ambiente escolar de maneira positiva” (Antunes, 2007 p. 21). Para Vygotsky (2003), “o processo de internalização do conhecimento envolve uma série de transformações que colocam em relação o social e o individual”. A observância de alguns princípios norteadores é fundamental nessa construção, também contribui Bock et al (1999, p.124):

A escola surgirá, então, como um lugar privilegiado para este desenvolvimento, pois é o espaço em que o contato com a cultura é feito de forma sistemática, intencional e planejada. O desenvolvimento – que só ocorre quando situações de aprendizagem o provocam – tem ritmo acelerado no ambiente escolar. O professor e os colegas formam um conjunto de mediadores da cultura que possibilita um grande avanço no desenvolvimento da criança.

Em mesma medida, Dantas (1992, p.85) refere-se à afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon escrevendo: “A dimensão afetiva ocupa lugar central tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento”. Também contribui Wadsworth (1997):

O aspecto afetivo tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento. Ele pode acelerar ou diminuir o ritmo de desenvolvimento. Ele pode determinar sobre que conteúdos a atividade intelectual se concentrará (WADSWORTH, 1997, p. 23)

A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde a sua primeira manifestação. Segundo Wallon (1978), é a partir de suas próprias experiências, das repetições, das diferenças que se apresentam que a criança se torna capaz de distinguir e reconhecer o que está de acordo ou não com suas expectativas e necessidades, o que conseqüentemente a leva ao aprendizado.

4.2 O professor como intermediador do mundo

“Os laços entre alunos e professores se estreitam e, na imensa proximidade desse imprescindível afeto, tornou-se importante descobrir ações, estratégias, procedimentos sistêmicos e reflexões integradoras que estabeleçam vínculos fortes entre o aluno, o professor e o aprendizado” (Antunes, 2007, p.12). Interessa uma concepção de Oliveira (2000) de grande relevância sobre a gestão em sala de aula, escreve:

A sala de aula é um espaço em construção cotidiana, onde professores e alunos interagem mediados pelo conhecimento. Desafiadora instigante, espaço de desejo, de negociação ou resistência, a sala de aula é reveladora de nossos acertos ou de nossos conflitos. Torná-la um espaço de construção de experiências educativas relevantes para professores e aluno, é uma das questões desafiantes para nós educadores (OLIVEIRA, 2000, p.61).

A mobilização para o conhecimento na opinião de Vasconcellos (1986) é uma tarefa pedagógica, por sua especificidade, implica que num determinado espaço, um determinado grupo de sujeitos se debruce sobre um determinado objeto de conhecimento que o professor propõe e torne-se objeto de conhecimento para o aluno, é necessário que o aluno, enquanto ser ativo que é, esteja mobilizado para isto, dirija sua atenção, seu pensar, seu sentir, seu fazer sobre o objeto do conhecimento (ação intencional).

Desse modo, basenado-se na fundamentação do presente trabalho, nota-se que a relação que caracteriza o ensinar e o aprender transcorrem a partir de vínculos entre as pessoas e inicia-se no âmbito familiar, através de vínculo afetivo, sendo que nos anos iniciais, a criança vai tendo acesso ao mundo simbólico e, assim conquistando avanços significativos no âmbito. Nesse sentido, para a criança, torna-se importante e fundamental o papel do vínculo afetivo que vai ampliando-se, e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino-aprendizagem. Isso posto, Freire (1996) destaca:

O professor autoritário, o professor licencioso, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático,

racionalista, nenhum deles passa pelos alunos sem deixar sua marca (FREIRE, 1996, p.96).

É possível verifica-se que ainda encontramos a falta da valorização dessa afetividade em sala de aula, sendo a escola influenciada por métodos tradicionais, trazendo o educando para uma aprendizagem mecanizada sem que haja uma interação professor/aluno.

Nesse contexto, o autoritarismo, inimizade e desinteresse podem levar o aluno a perder a motivação e o interesse por aprender. Dessa forma, depreender que ser professor não se constitui em uma simples tarefa de transmissão de conhecimentos, pois vai mais além, e também consiste em despertar no aluno valores e sentimentos como o amor do próximo e o respeito, entre outros. O professor deve prevalecer à visão mais humanística, transformando o ambiente mais afetivo, onde a relação professor-aluno seja a base para o desenvolvimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo exposto, compreende-se o modo como às pessoas constroem as relações sociais desde o nascimento até o período da primeira infância, utilizando-se de mecanismos primeiramente físicos, seguindo-se dos aspectos mais subjetivos, tais quais as emoções, sentimentos e desejos, e que é no período escolar que a ampliação dessas relações ganha maior significado por ser um período em que a criança constrói para si a concepção social do mundo enquanto relações humanas além-familiares.

Observou-se que a afetividade é tida como uma ferramenta facilitadora do processo de aprendizagem. Entendemos que ela quando trabalhada em sala de aula possibilita estabilidade e segurança emocional, requisitos essenciais ao ato de aprender. Nesse sentido, podemos dizer que os objetivos do estudo foram alcançados, já que os professores consideram a construção de vínculos afetivos essenciais à aprendizagem. Quanto à hipótese de pesquisa foi confirmada, pois os professores percebem que quando à criança

não é tratada de forma afetuosa tanto à relação professor/aluno quanto à relação aluno/aluno tende a ser conflituosa e a apresentar comportamentos inadequados à aprendizagem e ao convívio como um todo.

Dessa forma, percebe-se a importância de estimular a afetividade em suas salas e que os mesmos tentam desenvolver suas práticas pedagógicas com afeto. a afetividade é fundamental na educação e na construção de aprendizagens significativas. Portanto, é importante que a escola proporcione momentos que estimulem a afetividade entre os alunos e professores. Isso contribui no desenvolvimento de relações seguras e estáveis, essenciais ao ato de aprender. A partir dos achados, sugere-se aos professores a ideia de que é necessário refletir acerca da afetividade, uma vez que a construção de vínculos permite a construção de conhecimentos e a socialização entre os indivíduos.

Espera-se que esse estudo venha contribuir para uma melhor qualidade na educação e despertar nos atores da comunidade escolar a importância e a atenção que deve ser dada a afetividade no contexto escolar, e preencha lacunas de conhecimento no âmbito da afetividade e aprendizagem. Pois, todo ser humano necessita de afeto e em uma sala de aula a necessidade afetiva não é menos importante.

6. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **A afetividade na escola: educando com firmeza**. Londrina: Maxiprint, 2006.194p.

_____. **A linguagem do afeto: como ensinar virtudes e transmitir valores**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo de Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 1999.

CODO, W. & GAZZOTTI, A.A. Trabalho e Afetividade. In: CODO, W. (coord.) **Educação, Carinho e Trabalho**. Petrópolis-RJ:Vozes, 1999.

DANTAS, Heloysa. **A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon**. In: La Taille, Yves de et al. Piaget, Vygotski, Wallon. Teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

FERNANDEZ, Alícia. **A inteligência aprisionada**; Tradução Iara Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GÓES, M. C. **A formação do indivíduo nas relações sociais: Contribuições teóricas de Lev Vygotsky e Pierre Janet**. Educação e Sociedade. Campinas, Unicamp, 2008.

GOLDANI, A; TOGATLIAN, M. A; COSTA. R. A. **Desenvolvimento, Emoção e Relacionamento na Escola**. Rio de Janeiro: Epapers, 2010.

MALDONADO, Maria Tereza. **Aprendizagem e afetividade**. Revista de Educação AEC, v.23, n.91, p.37-44, 1994.

OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky - Aprendizado de desenvolvimento: um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1999.

PALACIOS, Jesús; HIDALGO, Victoria. **Desenvolvimento da personalidade dos seis anos até a adolescência**. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALACIOS, PALACIOS, Jesus. Desenvolvimento psicológico e educação: Psicologia Evolutiva I. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004, p. 252-267.

PIAGET, J. **Psicologia e Epistemologia**. Rio de Janeiro: Forense, 1980.

PULASKI, M. A. S. **Compreendendo Piaget**. Uma Introdução ao Desenvolvimento Cognitivo da Criança. Rio de Janeiro: LTC, 1986.

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano**. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1976. p.305.

SOUZA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v.20, n.43, p.64-83, 2021.

VASCONCELOS, Rita Magna de Almeida Reis Lobo. **O Professor e o Jogo das Emoções**. Revista de Educação AEC, v.23, n 91, p. 78-83, 1994.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1996.

_____. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget**. 5ªed. São Paulo: Pioneira, 1997.

WALLON, Henri. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986, 528p.

_____. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições, 1995.

WEIL, Pierre. (1979). A criança, o lar, e a escola: **Guia prático de relações humanas e psicologia para pais e professores**. 13 ed. Petrópolis, 1988.